

O SUBPROJETO PIBID ALFABETIZAÇÃO DA UFSC: A EXPERIÊNCIA DA COORDENAÇÃO DE ÁREA

Priscila Finger do Prado¹
Lilane Maria de Moura Chagas²

RESUMO

O objetivo deste ensaio é apresentar a experiência de coordenar o Subprojeto Alfabetização, em seus primeiros seis meses, na parceria entre a Universidade Federal de Santa Catarina, duas escolas estaduais e uma escola municipal. Para tanto, apresentaremos primeiro as concepções que basearam nossa proposta e, depois, comentaremos a curadoria das formações realizadas com os pibidianos. As propostas realizadas pelos Ids ficarão para uma publicação posterior. Embasam nossa proposta a concepção de educação de Paulo Freire (1996), as concepções de alfabetização e de letramento de Magda Soares (2020, 2023), bem como as diretrizes sobre alfabetização e letramento presentes na Base Nacional Comum Curricular (2017). O PIBID Alfabetização UFSC conta com 3 supervisoras e 24 bolsistas de iniciação à docência. Para o trabalho nas escolas, escolhemos trabalhar a partir de duplas, com algumas exceções. O primeiro momento na escola foi de observação participativa, depois contamos com algumas mediações, criadas a partir da construção de unidades didáticas. Enquanto aconteciam as ações nas escolas, desenvolvemos na universidade as formações. Ao longo dos primeiros seis meses do projeto sob nossa coordenação, convidamos alguns especialistas para tratarem de temas específicos como conceitos de alfabetização e letramento, história dos métodos de alfabetização no país, concepção e boas práticas em mediação de leitura e contação de histórias, pressupostos sobre as relações entre as crianças, a linguagem e o papel do texto na alfabetização. Nosso intuito era o de pensar teoricamente a alfabetização e o letramento, enquanto se dava a observação participativa dos estudantes das escolas. Como resultado parcial, tivemos, ainda no primeiro semestre, uma primeira mediação por parte das duplas que, a partir da leitura e mediação literária, explorou aspectos da alfabetização, tal como o que fora discutido nas formações.

Palavras-chave: PIBID Alfabetização, UFSC, coordenação de área.

Introdução

O Núcleo de Estudos e Pesquisas em Alfabetização e Ensino da Língua Portuguesa – NEPALP, criado em 2001, agrupa educadores que atuam em diferentes níveis de ensino, estudantes e pesquisadores da graduação e da pós-graduação, seja no âmbito da UFSC ou de outras instituições de nível superior ou de educação básica interna e externas a ela. A atuação do NEPALP também se efetiva junto aos Programas de Pós-graduação em Educação/CED/UFSC e Linguística/CCE/UFSC, pela produção de dissertações e teses que congregam as ações de pesquisa a objetivos do NEPALP. Os participantes do NEPALP trabalharam na implementação do Programa Nacional de Alfabetização na Idade Certa – PNAIC, em Santa Catarina, no Programa de Formação de pProfessores da Olimpíada de Língua Portuguesa – Escrevendo o Futuro e, em 2024, o Núcleo abraçou a primeira edição

¹ Professora do Departamento de Metodologia de Ensino da Universidade Federal de Santa Catarina, e-mail: priscilletras@yahoo.com.br

² Professora do Departamento de Metodologia de Ensino da Universidade Federal de Santa Catarina, e-mail: lilanemoura@gmail.com



nacional do subprojeto Alfabetização do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID na UFSC.

O objetivo deste relato é apresentar a experiência de coordenar o Subprojeto Alfabetização, em seus primeiros seis meses, na parceria entre a Universidade Federal de Santa Catarina, duas escolas estaduais e uma escola municipal. Para tanto, apresentaremos primeiros as concepções que basearam nossa proposta e, depois, comentaremos a curadoria das formações realizadas com os pibidianos. As propostas realizadas pelos Ids ficarão para uma publicação posterior.

Desenvolvimento

O PIBID Alfabetização UFSC conta com 3 supervisoras e 24 bolsistas de iniciação à docência. As escolas parceiras são EEB Hilda Teodoro Viera, EEB Simão José Hesse e EBM José Jacinto Cardoso, todas situadas no município de Florianópolis/SC. Para o trabalho nas escolas, escolhemos trabalhar a partir de duplas, com algumas exceções. O primeiro momento na escola foi de observação participativa, depois contamos com algumas “intervenções”, criadas a partir da construção de unidades didáticas. As obras selecionadas para o trabalho de mediação foram ora indicadas pelas professoras supervisoras, ora pesquisadas pelos estudantes. A prática aconteceu de modo gradual, a partir do planejamento das professoras supervisoras e das formações organizadas pelas coordenadoras.

Ao longo dos primeiros seis meses do projeto sob nossa coordenação, alternamos o estudo no grupo com o estudo com especialistas. Convidamos sete estudiosos e participamos de um evento em conjunto com a Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) com um oitavo palestrante, a fim de que fossem tratados temas específicos como os conceitos de alfabetização e letramento, a história dos métodos de alfabetização no país, concepções e boas práticas em mediação de leitura e contação de histórias, pressupostos sobre as relações entre as crianças, a linguagem e o papel do texto na alfabetização. Pensar a alfabetização da perspectiva do letramento destaca todo um trajeto de saberes da área, que culminaram, inclusive, nas escolhas conceituais e metodológicas dos documentos oficiais do país como os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) e a Base Nacional Comum Curricular (2017).

Nossa primeira leitura formativa foi “História dos métodos de alfabetização no Brasil”, de Maria do Rosário Longo Mortatti (2006). Para a autora, é possível pensar a história dos métodos de alfabetização no país a partir de quatro momentos: o de metodização, iniciado no fim do século XIX, com a República, com o foco nos métodos da marcha



sinéctica; o de institucionalização do método, também do fim do século XIX, com o foco nos métodos na marcha analítica; o de flexibilização do método, do início do século XX, em que o foco estava em métodos mistos ou ecléticos; e, por fim, o de desmetodização, que tem início no país no final do século XX, com a ascensão dos estudos sobre a Psicogênese da língua escrita, de Emília Ferreiro e Anna Teberosky. Dessa forma, é possível analisar esse processo a partir de dois paradigmas, um grande momento em que o método era o principal argumento para pensar a alfabetização no país, e outro momento em que essa preponderância do método passa a ser questionada, visto que começa-se a dar maior importância sobre a maneira como o objeto escrito é aprendido pela criança.

É sob esse paradigma que nos colocamos frente à questão da alfabetização. Precisamos entender sobre os métodos que auxiliam o professor no processo de alfabetizar, mas precisamos também entender como se dá o processo de apreensão da língua escrita pela criança.

Além do método, julgou-se importante pensar sobre o processo mais amplo da educação. Para isso, a segunda leitura selecionada foi a do livro *Pedagogia da autonomia* (1996), de Paulo Freire. O estudioso pernambucano, que também é referência em alfabetização, apresenta uma proposta de pedagogia que se opõe às formas mais tradicionais de ensino, que veem no aluno um simples depositário do conhecimento fornecido pelo professor.

Já em suas “Primeira palavras”, Freire coloca seu trabalho como uma constante crítica à “malvadez neoliberal” que, segundo ele, impossibilita o sonho e a utopia. Freire defende um ponto de vista que parte da experiência dos “condenados da terra”, dos excluídos, pois, sistematicamente, o sistema de educação escolar foi construído contra esse grupo social, em favor de uma elite. Essa posição mais democrática, que leva em consideração, de fato, quem aprende, aparece já na escolha dos títulos dos capítulos de seu livro: “Não há docência sem discência”, “Ensinar não é transferir conhecimento”, “Ensinar é uma especificidade humana”.

Para Freire, quem aprende é tão importante quanto quem ensina, e o trabalho da docência terá sua “boniteza”, quando houver, junto, decência e seriedade. Esta decência e seriedade consistem, por exemplo, em não corroborar um discurso (ideológico) de globalização, que procura disfarçar o processo de robustecência da riqueza de uns poucos, em cima da pobreza e miséria de milhões, ao mesmo tempo em que tenta justificar tal processo inculcando nos dominados a responsabilidade por sua situação (1996).

Há que se olhar para o ensino, de forma contextualizada, de modo a buscar entender nosso lugar no mundo, construindo utopias que nos levem a lutar por outras configurações



para esse mesmo mundo. Segundo Magda Soares, no capítulo “Paulo Freire e a alfabetização: muito além de um método”, do livro *Alfabetização e letramento* (2023), a grande contribuição de Paulo Freire foi no sentido de nos proporcionar uma concepção revolucionária de educação. Para a autora, no trabalho de Freire com a alfabetização, não se destaca o método que ele utilizou na sua prática alfabetizadora:

Se dessa forma restrita se entende *método de alfabetização*, é incorreto afirmar que Paulo Freire criou um método de alfabetização, é incorreto referir-se a um ‘método Paulo Freire de alfabetização’. Aliás, é ele mesmo que, ao descrever sua proposta de alfabetização, no capítulo 4 de *Educação como prática da liberdade*, apresenta, em nota de rodapé, classificações de métodos de alfabetização e se inclui entre aqueles que propõem um ‘método eclético’ que ‘abarca [...] a síntese e a análise, propiciando o analítico-sintético’. E mais: no fim desse mesmo capítulo, novamente em nota de rodapé, declara: ‘[...] nunca nos doeu nem nos dói quando se afirmava e afirma que [...] não fomos o ‘inventor’ do diálogo, nem do método analítico-sintético, como se alguma vez tivéssemos feito afirmação tão irresponsável’(2023,p.179).

Soares destaca que o método usado por ele era comum na área. O que é realmente inovador na prática alfabetizadora de Freire é sua concepção mesmo de alfabetização e educação:

Assim, quando Paulo Freire se insurge contra as ‘lições que falam de Evas e de uvas a homens que às vezes conhecem poucas Evas e nunca comeram uvas’, não está se insurgindo contra o ‘método’ que, das ‘palavras geradoras’ Eva e uva, tira a ‘família’ va - ve - vi - vo - vu, porque ele também propõe que das ‘palavras geradoras’ tijolo ou favela se tirem as ‘famílias’ ta-te-ti-to-tu, fa-fe-fi-fo-fu; está se insurgindo, isto sim, contra a distância entre Evas e uvas e a experiência existencial do alfabetizando, que empilha tijolos e mora em favela; está se insurgindo contra a alfabetização considerada apenas aquisição de uma técnica mecânica de codificação/decodificação, e não como um ato de reflexão, de criação, de conscientização, de libertação (2023,p.180).

Magda Soares, nesse sentido, se coloca como continuadora da proposta freiriana. Ela busca, em toda reflexão sobre a alfabetização, destacar a complexidade do processo e a necessidade de formação adequada para tal complexidade. Ainda que a questão do fracasso escolar seja uma preocupação constante de Soares, também é constante a afirmação do papel da escola em propor educação de qualidade aos estudantes, especialmente para aqueles que dependem da escola pública.

É nesse momento de nosso projeto, depois dessas leituras realizadas, que temos nossa primeira formação com professor convidado, neste caso, com a professora Gracielle Boing Lyra. Doutora em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), a professora Gracielle possui experiência em alfabetização, letramento e formação de



professores e é integrante do Núcleo de Estudos e Pesquisa em Alfabetização e Ensino da Língua Portuguesa (NEPALP/ UFSC). O tema escolhido para sua fala ao PIBID foi “Alfabetização e Letramento”, pois o objetivo da fala era destacar as concepções de alfabetização e de letramento, dentro do contexto brasileiro. A Formação foi online.



No início de março, quando estávamos desenvolvendo a leitura dos primeiros capítulos do livro de Magda Soares, *Alfabetização e Letramento* (2023), tivemos a formação com a professora Jilvânia Lima dos Santos Bazzo. A professora Jilvania é Doutora em Educação (2008) pelo Programa de Pesquisa, com Pós-graduação em Educação da Universidade Federal da Bahia (Faced/UFBA), e trabalha na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) vinculada ao Centro de Ciências da Educação, área de Didática - no Departamento de Metodologia de Ensino (MEN|CED|UFSC) e no Programa de Pós-Graduação em Educação. Em sua fala, que aconteceu de forma presencial, a professora Jilvania revisou aspectos do texto de Mortatti, que ela sabia que os pibidianos já haviam estudado e problematizou a questão da real democratização da alfabetização no Brasil como um fenômeno bastante recente, dados presentes no texto de estudo do mês pelo grupo.



O capítulo “As muitas facetas da alfabetização”, do livro *Alfabetização e letramento* (2023), de Magda Soares, apresenta, em seu início, um balanço sobre os índices de pessoas alfabetizadas no país. A partir dos dados do Censo de 2022, é possível perceber que houve um significativo crescimento do número de pessoas alfabetizadas no país. Cerca de 151 milhões de pessoas com idade igual ou superior a 15 anos sabem ler e escrever ao menos um bilhete simples (93% da população)³. Esse número impressiona, se pensarmos que, na década de 1980, 74,5% da população era alfabetizada e, na década de 1940, esse número era de 44%. Contudo, a própria maneira de se chegar a esse número merece atenção, visto que se considera alfabetizado quem é capaz de ao menos ler e escrever um bilhete simples.

Para Magda Soares (2023), podemos entender a alfabetização como “processo de representação de fonemas em grafemas (escrever) e de grafemas em fonemas (ler)”, ou então como “processo de compreensão/expressão de significados”. Para o primeiro caso, os números do Censo podem responder bem, mas não ao segundo. Quando compreendemos a alfabetização como um processo de compreensão/expressão de significados, é porque a entendemos como um fenômeno multifacetado. A autora defende que, quanto à natureza desse processo, é possível determinar-lhe quatro facetas: a primeira, psicológica, é a que enfoca a questão da maturidade da mente; a segunda, psicolinguística, é a que enfoca a aquisição da escrita pela criança; a terceira, sociolinguística, é a que enfoca as relações entre a linguagem e a sociedade, como os usos sociais da língua e a variação linguística; por fim, a quarta, a linguística, é a que enfoca as relações entre fala e escrita, entre sons e símbolos gráficos, bem como o sistema ortográfico da escrita. Soares defende que o alfabetizador precisa tanto conhecer essas facetas como entender como elas são afetadas pelas condicionantes do processo de alfabetização:

Conclui-se que, à natureza complexa do processo de alfabetização, com suas facetas psicológica, psicolinguística, sociolinguística e linguística, é preciso acrescentar os fatores sociais, econômicos, culturais e políticos que o condicionam. Uma teoria coerente da alfabetização só será possível se a articulação e integração das várias facetas do processo forem contextualizadas social e culturalmente e iluminadas por uma postura política que resgate seu verdadeiro significado (2023).

Essa discussão nos leva à necessidade de tratar de outro conceito, o de letramento. Magda Soares, no livro *Letramento: um tema em três gêneros* (2020), que seria lido pelo grupo mais tarde, destaca que o termo “letramento” surge para nomear novo fato social (2020,

³ BRASIL. Taxa de alfabetização chega a 93 % da população, revela IBGE. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2024-05/taxa-de-alfabetizacao-chega-93-da-populacao-brasileira-revela-ibge> Acesso em 30/04/2025.



p.35). Para a autora, o letramento nomeia o “resultado da ação de ensinar e aprender as práticas sociais de leitura e escrita”, ou, em outras palavras “o estado ou condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita e de suas práticas sociais” (2020). Soares defende que ter-se apropriado da escrita é diferente de ter aprendido a ler escrever, por isso o trabalho do alfabetizador bem formado seria o de alfabetizar e letrar, de forma conjunta. Para tanto, seria necessário tanto uma escolarização real e efetiva quanto disponibilidade de material de leitura (2020).

Em março começou a atuação dos pibidianos nas escolas, logo era importante começar a pensar em práticas de mediação de leitura, por isso essa foi a tônica das três formações seguintes. A formação do final de março foi ministrada por Caroline Machado. A professora Caroline é Doutora em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), com Pós-doutorado em Literatura para infância pela Universidade do Minho (UMinho/Portugal). Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação Infantil (0 a 3 anos), atuando principalmente com os temas educação e infância, infância e projeto pedagógico, literatura e mediação literária, formação de leitores, formação de professores, pedagogias contemporâneas. A formação voltada para os pibidianos, de forma presencial, apresentou propostas já realizadas pela professora no Núcleo de Desenvolvimento Infantil (NDI), ancoradas em teorias e metodologias, frutos de suas pesquisas.



Em abril, tivemos mais duas formações na mesma linha. A primeira sobre contação de histórias, com a professora Gilka Girardello, e a segunda sobre a Leitura do texto literário, com Adriana Forster.

A professora Gilka Girardello é titular da Universidade Federal de Santa Catarina e atua no Programa de Pós-Graduação em Educação, dentro da Linha Educação e Comunicação. Possui doutorado em Ciências da Comunicação pela Universidade de São



Paulo (1998), com pós-doutorado no Programa de Educação Urbana da City University of New York (Pesquisadora Visitante/Fulbright/CAPES 2010/2) e no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, (2011/1). Na formação dada ao grupo do PIBID Alfabetização, dada de forma presencial, em formato de roda, apresentou parte de sua trajetória como contadora de histórias, fazendo a demonstração de algumas contações, de forma comentada. A professora também mostrou obras que costuma trabalhar com crianças ou em formações com professores, possibilitando um aumento do rol de obras conhecidas pelos pibidianos.



A segunda formação do mês de abril se deu com Adriane Forster. Contadora de histórias profissional, Forster é graduada em Pedagogia pela UNISUL- Universidade do Sul de Santa Catarina, Pós-Graduada em Alfabetização e Letramento pela FMP- Faculdade Municipal de Palhoça e em Gestão Escolar pela FMP, Pós-Graduada em Docência na Educação Infantil também pela FMP. Esta formação se deu de maneira online e se estruturou numa sequência de boas práticas profissionais destacadas pela professora, a partir de fotos de mediações, mostra de livros e comentários de ações importantes para uma boa mediação.



Para essa proposta de alfabetizar letrando, além das questões de língua propriamente, é importante se debruçar sobre a prática da mediação de leitura. Por isso, em nosso subprojeto, houve esse movimento de contemplá-la em três formações sucessivas. A mediação de leitura é uma discussão relativamente nova no país. É por volta dos anos 1980 que ela surge, destacando não só o enfoque no texto e no autor, quanto no receptor do texto, ou seja, o leitor. Pensar a mediação de leitura significa enxergar na leitura algo ensinável. Além disso, por esse caminho, é possível também pensar na especificidade do texto literário, algo preconizado em nossos documentos oficiais desde os *Parâmetros Curriculares Nacionais* (1997). Na perspectiva dos letramentos, aparece o letramento literário. Segundo essa concepção, a partir de metodologia específica, o texto literário pode ser trabalhado sistematicamente, sem que se perca o papel da fruição da leitura.

Em seu livro *Letramento literário: teoria e prática* (2014), Rildo Cosson apresenta uma proposta de sequência básica, dividida em quatro momentos: motivação, introdução, leitura e interpretação. Para o autor, o momento da motivação seria o de construir uma situação em que os alunos devam responder a uma questão ou se posicionar diante de um tema (2014). O momento da introdução deve passar pela apresentação física do livro e do autor. O momento da leitura, como o próprio nome diz, deve contemplar a leitura mediada do texto, de preferência de forma integral. Por fim, o momento da interpretação é o de olhar para os enunciados, destacar as inferências, de modo a construir sentidos para o texto. Nesse momento, além das impressões de leitura, somam-se relações com o contexto, com outras obras e com a experiência mesmo dos leitores. Para o autor, nesse momento de construção coletiva do sentido é possível a formação de uma comunidade de leitores, o que seria o ponto alto do momento da interpretação.

O PIBID Alfabetização UFSC, em seu primeiro semestre de exercício, instituiu a proposição de uma ação pontual de mediação literária, em duplas, a partir de um caminho metodológico dado, o qual foi embasado na proposta do letramento literário. Foram escolhidas como obras literárias a serem trabalhadas nas propostas as que estivessem dentro de três grandes temas: letramento racial, letramento emocional e letramento ambiental, pensando aqui o termo letramento no sentido amplo de entrar em contato com os usos sociais de determinado tema. Enquanto as obras eram escolhidas e as mediações eram planejadas, as formações continuavam, especialmente para que fossem trabalhadas também questões mais específicas, como a centralidade do texto no trabalho com a língua portuguesa, a importância de entender a língua dentro do movimento do discurso e ainda questões sobre como as



crianças aprendem. Para responder a estes três tópicos, tivemos as três últimas formações do primeiro semestre.

Intitulada *O texto na alfabetização*, a formação de maio, com a professora Fabiana Giovani, abordou a centralidade do texto no trabalho com a língua portuguesa durante o processo de alfabetização e letramento. A professora realizou seu doutorado em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2010) e seu Pós doutorado no Departamento de Teorias e Práticas Pedagógicas da UFSCar (2017). Atua como professora adjunta na Universidade Federal de Santa Catarina, sendo professora do quadro docente permanente do PROFLETRAS/UFSC e professora colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFSC (PPGLIN).



A segunda formação de maio se voltou para um tema que surgiu da necessidade dos pibidianos ao entrarem em contato com a realidade escolar. Com o título *Linguagem e criança, sob a perspectiva da Teoria histórico-cultural*, a professora Maria Isabel Batista Serrão destacou a questão da apropriação da linguagem pela criança, de modo a embasar um trabalho de alfabetização com olhar discursivo. A professora Maria Isabel possui doutorado em Educação pela Universidade de São Paulo (2004). Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Formação de Professores, atuando principalmente nos seguintes temas: educação, ensino, aprendizagem e criança, sob a perspectiva da Teoria Histórico-Cultural.





A atividade final do semestre aconteceu em junho como Evento de Extensão, numa parceria entre a Universidade Federal de Santa Catarina e a Universidade Estadual de Santa Catarina. Intitulada *Alfabetização: precisamos pesquisar como as crianças aprendem...para ensinar melhor*, o professor Artur Gomes de Moraes destacou a contribuição da Psicogênese da Língua Escrita, de Emília Ferreiro e Ana Teberosky para a alfabetização, da perspectiva do letramento. Moraes é professor Emérito do Centro de Educação da UFPE. É doutor em Psicologia pela Universidad de Barcelona (1996). Fez pós-doutorados na Universidad de Barcelona e no INRP-Paris (2005), na UFMG (2011) e na UPEC-Paris (2015). Tem experiência na área de Educação, dedicando-se, principalmente, aos seguintes temas: psicolinguística da escrita, alfabetização, escrita na educação infantil, currículos de língua portuguesa, didática da língua portuguesa, formação do professor e psicologia da educação.



As formações pensadas para o primeiro semestre do subprojeto correram lado a lado com as leituras de estudo. As primeiras duas formações enfocaram questões de metodologia e concepções de alfabetização e letramento; as três formações seguintes destacaram formas de



mediação literária e de contação de histórias e, por fim, as três últimas formações enfocaram a questão do texto, da linguagem e da criança, como ser que aprende. Nossa primeira leitura formativa foi “História dos métodos de alfabetização no Brasil”, de Maria do Rosário Longo Mortatti (2006), seguida do livro *Pedagogia da autonomia* (1996), de Paulo Freire, do capítulo “As muitas facetas da alfabetização”, do livro *Alfabetização e letramento* (2023), de Magda Soares, e a apresentação dos livros *Letramento: um tema em três gêneros* (2020) e *Letramento literário: teoria e prática* (2014), de Rildo Cosson. A leitura destes ficou prevista para o segundo semestre, assim como leitura do texto “A representação da linguagem e o processo de alfabetização” do livro *Reflexões sobre alfabetização* (2011), de Emília Ferreiro. Como resultado parcial, tivemos, ainda no primeiro semestre, uma primeira mediação por parte das duplas que, a partir da leitura e mediação literária, explorou aspectos da alfabetização, tal como o que fora discutido nas formações.

Considerações finais

Foi objetivo deste relato apresentar a experiência de coordenar o Subprojeto Alfabetização, durante os primeiros seis meses do período total de 2024 a 2026, na parceria entre a Universidade Federal de Santa Catarina, duas escolas estaduais e uma escola municipal. Para tanto, apresentamos primeiro as concepções que basearam nossa proposta e, depois, comentamos a curadoria das formações realizadas com os pibidianos.

Ao longo dos primeiros seis meses do projeto sob nossa coordenação, alternamos o estudo no grupo com o estudo com especialistas. Convidamos sete estudiosos e participamos de um evento em conjunto com a UDESC com um oitavo palestrante, a fim de que fossem tratados temas específicos como os conceitos de alfabetização e letramento, a história dos métodos de alfabetização no país, concepções e boas práticas em mediação de leitura e contação de histórias, pressupostos sobre as relações entre as crianças, a linguagem e o papel do texto na alfabetização.

Referências bibliográficas

- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_20dez_site.pdf . Acesso em: 27 de março de 2026.
- _____. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. MEX, 1997. Disponível em: <https://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/introducao.pdf> Acesso em: 27 de março de 2026.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2014.



FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre alfabetização**. São Paulo: Cortez Editora, 2011.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MORTATTI, Maria Rosário Longo. História dos métodos de alfabetização no Brasil.

<https://fbnovas.edu.br/site/wp-content/uploads/2019/02/Acervo%20em%20PDF/Hist%C3%B3rias%20dos%20M%C3%A9todos%20de%20Alfabetiza%C3%A7%C3%A3o%20no%20Brasil.pdf>

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. São Paulo: Contexto, 2023.

_____. **Letramento: um tema em três gêneros**. São Paulo : Autêntica, 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. Site do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Alfabetização e Ensino da Língua Portuguesa – NEPALP. Disponível em:

<https://nepalp.ufsc.br/>

